

POLARIZAÇÃO POLÍTICA NA ERA CONTEMPORÂNEA: AS MARCAS DA SOLIDÃO E DO USO DE INTELIGÊNCIAS ARTIFICIAIS

Diego Gomes Falcão
Gabriel Calabianqui
Leonardo Irabi Beetz de Souza
Natalia Nakakura
Curso de Engenharia
Centro Universitário FEI

Palavras-chave: inteligência artificial, polarização, democracia, capitalismo de vigilância

Marcado pelo fim de um relacionamento, um homem atualiza seu sistema operacional e acaba se apaixonando pela inteligência artificial que o acompanha. O filme **Ela** (**Her**, 2014, Dir. de Spike Jonze) apresenta esse cenário fictício, porém pouco distante da realidade. Em novembro de 2022, ocorreu uma aproximação com a realidade durante a estreia de uma inteligência artificial que visava agilizar pesquisas resumindo informações (Açolab, 2025). Em poucos meses, esse recurso, nomeado de “Chat GPT”, passou a ser dominante no cotidiano brasileiro, em especial entre jovens de 18 a 34 anos (Christ, 2025). Em poucos anos, essa tecnologia expandiu os horizontes tanto da ciência como das relações sociais. Atualmente, a inteligência artificial apresenta diversos investidores e funcionalidades, sendo relevante destacar a aproximação do usuário com a máquina. Ou seja, o que antes atuava como uma barra de pesquisa comum tornou-se uma conversa típica de redes sociais. Todavia, diferentemente desses canais, trata-se de uma interação emocional entre um humano e um robô (Eliot, 2024). A relação máquina-humano é uma discussão antiga, uma vez que reflete o período da adaptação diante a novas tecnologias. Entretanto, esse avanço em sua essência engloba uma esfera extremamente volátil e complexa: emoções humanas. Dessa forma, as inteligências artificiais têm influenciado cada vez mais nas configurações sócio-político-econômicas.

Antes de abordar a relação humano-inteligência artificial, é pertinente analisar o contexto social que os jovens estão inseridos. Em **A Rosa Mais Vermelha Desabrocha: o amor nos tempos do capitalismo tardio ou por que as pessoas se apaixonam tão raramente hoje em dia**, a autora

(Strömquist, 2021) reitera o que diz Byung-Chul Han, analisando um fenômeno resultante do capitalismo tardio: o narcisismo extremo. Esse sentimento descreve o desaparecimento da alteridade diante do indivíduo, ou seja, o “outro” torna-se um espelho e extensão de si mesmo. Nesse sentido, a comparação atinge um novo patamar, pois todos tornam-se iguais diante do indivíduo, precarizando assim a troca de saberes e isolando o sujeito. Além disso, com a revolução tecnológica (ascensão das redes sociais), jovens têm acesso a recortes de vidas que aparentam serem perfeitas. Isso potencializa um cenário que afeta negativamente a autoestima e criatividade dos jovens e, por consequência, suas relações com a sociedade. Portanto, trata-se de uma juventude inserida em um cenário de comparação constante, o que acarreta no isolamento.

Para além do contexto social, cabe analisar as influências das inteligências artificiais que corroboram para o isolacionismo juvenil. As IAs passaram a atuar diretamente nos algoritmos, tanto em espaços de pesquisa, quanto em redes sociais. Com a revolução tecnológica, algoritmos tornaram-se o coração de um mercado que lucra com estatísticas em função do tempo de uso dos aplicativos e comportamento dos usuários, inserido em uma lógica econômica neoliberal (Martins, 2023). Assim, vale ressaltar o documentário: “O dilema das redes”, o qual ilustra de maneira contundente essa dinâmica (dirigido por Orłowski em 2020). A obra revela como grandes corporações utilizam dados pessoais para manipular as preferências, opiniões e até emoções. Desse modo, a lógica algorítmica busca maximizar o engajamento criando uma realidade filtrada e polarizada, na qual o indivíduo é constantemente exposto àquilo que confirma suas crenças. O resultado disso é a fragmentação social e o surgimento de “bolhas” na internet. Nesse sentido, a célebre frase de Tufte (2003) sintetiza com precisão o cenário contemporâneo: “Só existem duas indústrias que chamam seus clientes de ‘usuários’: a de drogas e a de *software*”. Essa analogia expõe a dependência emocional e cognitiva que a tecnologia gera, moldando as perspectivas dos usuários por recortes da realidade. É por essa lógica que a pensadora Zuboff (2019) nomeia esse narcisismo extremo, fruto do capitalismo tardio e inserido nesse modelo de trabalho dos algoritmos, de “Capitalismo de Vigilância”. Portanto, é um sistema que lucra analisando constantemente os gostos dos usuários.

É no Capitalismo de Vigilância que a juventude tem se desenvolvido e o resultado é o isolacionismo. Entretanto, como afirma Aristóteles em sua obra “A Política”, humanos são animais políticos (Aristóteles *apud* Godoy, s.d.). O filósofo utiliza esse termo para afirmar a necessidade humana de contato e comunicação com outros. Assim, a comunicação dos jovens com o mundo, e antes entre eles mesmos, tornou-se exclusiva das inteligências

artificiais. Isso significa que esses indivíduos estão criando laços afetivos com as IAs, principalmente pela ausência de discordância de opiniões, fenômeno que já gera controvérsias e críticas sobre a substituição de vínculos humanos por dispositivos artificiais (Schlott, 2025).

Esse cenário de avanço tecnológico expõe uma ferida social mais profunda: a fragmentação e a solidão do sujeito moderno. Como expressa Arthur Fleck, em seu filme **Joker** (dirigido por P. Todd, 2019): “O que você ganha quando cruza um solitário mentalmente doente com uma sociedade que o abandona e o trata como lixo?”. Essa frase demonstra como muitos indivíduos na sociedade contemporânea têm a sua vida marcada pela desigualdade e polarização. Neste contexto, muitos levam ao acolhimento da tecnologia como uma forma de refúgio, encontrando nas inteligências artificiais uma presença que simula a empatia e que os escuta e compreende.

Pesquisas apontam que o uso de inteligências artificiais para conversas é mais comum entre jovens e pessoas solitárias, que relatam bem-estar temporário após as interações (Dong; Xie; Gong, 2024; Fang et al., 2025). Dados retirados de testes de Begg e Trim mostram que 75% dos usuários jovens que utilizam IA experimentam aumento da solidão (*apud* Dong; Xie; Gong, 2024). Isso revela que, embora ofereça acolhimento momentâneo, a inteligência artificial não substitui vínculos humanos reais e pode ampliar o distanciamento. É dessa maneira que surgem dois tipos de polarização: a política/ideológica e a afetiva.

A polarização política/ideológica é comum e essencial na formação de uma sociedade democrática. Nos dias atuais, essa polarização é nomeada por “direita” e “esquerda”. Esses termos são derivados da Revolução Francesa, a qual foi o pontapé inicial para a queda de Monarquias e instauração de Democracias. Ou seja, a polarização política é antiga e indispensável, pois apresenta diferentes pontos de vista acerca de uma mesma questão social. Em contrapartida, a polarização afetiva tem o efeito oposto na construção de uma democracia. Esse fenômeno descreve a aversão pelo outro e o pensamento de “nós contra eles” nos indivíduos, decorrentes das “bolhas” digitais em que estão inseridos. Isso nos afasta de uma sociedade democrática pela falta de diversidade diante de questões sociais. Um estudo realizado por pesquisadores da UNICAMP (Fuks; Marques, 2022) demonstrou a ascensão da polarização afetiva, o que trouxe um viés negativo às polarizações ideológicas. Por exemplo, antes, estar alinhado com a esquerda significava uma linha de raciocínio mais liberal; atualmente, trata-se de uma oposição e aversão às pessoas de direita. Em conjunto com os algoritmos e o apego emocional às inteligências artificiais, a polarização política surge como uma fragmentação da sociedade em ecos

ideológicos. Assim, os jovens apenas “escutam” o que concordam e passam a nutrir um ódio por aqueles que são contrários ao seu pensamento.

A ascensão de jovens conservadores, a aversão a imigrantes e o ressurgimento do nazismo (neonazismo) são exemplos de uma extrema polarização política cuja essência é uma polarização afetiva extrema. Portanto, as questões sociais atuais são frutos de uma dependência emocional e bolhas digitais provocadas pela inserção direta (laços afetivos) ou indireta (ecos ideológicos) das inteligências artificiais no cotidiano de diversos jovens.

Referências

AÇOLAB, **Quem criou o ChatGPT?** Conheça a origem e história da IA. Disponível em: <https://www.acolabam.com.br/blog/quem-criou-o-chat-gpt>. Acesso em: 17 out. 2025.

CHRIST, G. **Brasil está entre os países que mais usam o ChatGPT**, diz estudo. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/brasil-esta-entre-os-paises-que-mais-usam-o-chatgpt-diz-estudo/>. Acesso em: 3 out. 2025.

DONG, X.; XIE, J.; GONG, H. A meta-analysis of Artificial Intelligence technologies use and loneliness: examining the influence of physical embodiment, age differences, and effect direction. **Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking**, v. 28, n. 4. DOI: <https://doi.org/10.1089/cyber.2024.0468>. Acesso em: 17 out. 2025.

ELIOT, L. **Entenda como a inteligência artificial se tornou uma “terapeuta” para crianças e adolescentes**. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-tech/2024/04/entenda-como-a-inteligencia-artificial-se-tornou-uma-terapeuta-para-criancas-e-adolescentes/>. Acesso em: 13 out. 2025.

FANG, C. M. et al. **How AI and Human Behaviors Shape Psychosocial Effects of Chatbot Use: A Longitudinal Randomized Controlled Study**. Preprint. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/390143219_How_AI_and_Human_Behaviors_Shape_Psychosocial_Effects_of_Chatbot_Use_A_Longitudinal_Randomized_Controlled_Study#fullTextFileContent. Acesso em: 17 out. 2025.

FUKS, M.; MARQUES, P. H. Polarização e contexto: medindo e explicando a polarização política no Brasil. **Opinião Pública**, v. 28, n. 3, p. 560-593, set.-dez. 2022. DOI: <http://doi.org/10.1590/1807-01912022283560>. Acesso em: 3 out. 2025.

GODOY, W. **O homem é um animal político**. Disponível em: <https://filosofianaescola.com/politica/homem-animal-politico/>. Acesso em: 17 out. 2025. (s.d.)

JONZE, Spike (Dir.) **Her**. Nova York: Warner Bros., 2014. 1 filme (126 min), color.

MARTINS, C. E. **Consenso de Washington**. Disponível em:
<https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-consenso-de-washington>. Acesso em: 17 out. 2025.

ORLOWSKI, Jeff (Dir.) **O dilema das redes**. Produção: Larissa Rhodes. Estados Unidos: Netflix, 2020. Documentário (94 min).

PHILLIPS, Todd (Dir.) **Joker**. Los Angeles: Warner Bros. Pictures, 2019. 1 filme (122 min), color.

SCHLOTT, R. **Artificial intelligence “friend” necklace causes uproar: “AI wouldn’t care if you lived or died”**. Disponível em:
<https://nypost.com/2025/10/02/tech/artificial-intelligence-friend-necklace-causes-uproar-ai-wouldnt-care-if-you-lived-or-died/>. Acesso em: 3 out. 2025.

STRÖMQUIST, L. **A rosa mais vermelha desabrocha**: o amor nos tempos do capitalismo tardio ou por que as pessoas se apaixonam tão raramente hoje em dia. Tradução de Laura R. T. P. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

TUFTE, E. R. **The cognitive style of PowerPoint: Pitching Out Corrupts Within**. Cheshire, CT: Graphics Press, 2003.

ZUBOFF, S. **The age of surveillance capitalism**: The Fight for a Human Future at the New Frontier of Power. Nova York: PublicAffairs, 2019.